

**O IMPERATIVO GRAMATICAL BRASILEIRO EM SANTA CATARINA:  
UMA ANÁLISE LABOVIANA DOS FATORES INTERNOS**

**THE BRAZILIAN GRAMMATICAL IMPERATIVE IN SANTA CATARINA: A  
LABOVIAN ANALYSIS OF INTERNAL FACTORS**

**Bruno Cardoso**

Professor de Língua Portuguesa e Literatura no Governo do Distrito Federal  
brunoprofessorlp@yahoo.com.br

**RESUMO:** Este artigo<sup>1</sup> analisa o uso das formas imperativas em contexto pronominal de segunda pessoa (você e tu). Levando em conta o pressuposto da teoria sociolinguística de que toda regra variável é controlada por um conjunto de fatores, analisamos, neste artigo, os fatores internos que atuam sobre a regra variável em estudo favorecendo a ocorrência do imperativo indicativo em contexto de segunda pessoa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística. Fatores internos. Imperativo.

*ABSTRACT: This article examines the use of imperative forms in the context of second person pronoun (you and tu). Taking into consideration the assumption of sociolinguistic theory that all variable rule is controlled by a set of factors, in this article we analyze the internal factors that would act on the variable rule under study favoring the occurrence of the indicative imperative in the context of second person.*

*KEYWORDS: Language variation. Internal factors. Imperative.*

## **O FENÔMENO EM ESTUDO**

O imperativo gramatical brasileiro é o nome que vem sendo atribuído pelos sociolinguistas à possibilidade do uso variável das formas verbais imperativas, em um contexto discursivo onde a gramática monolítica do português brasileiro legisla apenas a possibilidade da forma verbal imperativa subjuntiva. Ou seja, se no discurso cotidiano o falante faz uso do pronome você, ele obrigatoriamente teria que manipular a forma imperativa subjuntiva (*tome, pegue, faça etc.*). Caso faça uso, contudo, da forma pronominal *tu*, ele coercitivamente, na visão da norma padrão, teria que se valer, de maneira mecânica, da forma verbal imperativa (*toma, pega, faz, etc.*). Obviamente que na fala espontânea do português brasileiro as coisas não seguem o curso desse padrão coercitivo da norma culta. Como têm evidenciado os estudos sociolinguísticos pelo país, principalmente os liderados pela professora Marta Scherre (1998, 2000, 2004, 2006), avulta-se cada vez mais no sistema linguístico do PB a forma imperativa indicativa, mesmo nos dialetos em que o pronome de segunda pessoa assume a forma *você*. Assim,

---

<sup>1</sup> Este artigo resulta de dissertação de mestrado defendida em 2012 pela Universidade Federal de Santa Catarina: “Um estudo variacionista sobre as formas verbais imperativas nas cidades de Florianópolis e Lages: uma questão de encaixamento?”.

os estudos indicam que há um distanciamento do padrão legislado pela norma cada vez maior no que tange ao uso das formas verbais imperativas.

É imprescindível dizer, na introdução deste artigo, o quanto esse fenômeno se relaciona com o uso das formas pronominais (*você* e *tu*), isso porque pode haver regiões brasileiras onde há um favorecimento do imperativo subjuntivo em contexto de *você* e do imperativo indicativo em contexto de *tu*. Aliás, nas regiões brasileiras onde predomina o pronome *tu*, é mais rara a recorrência do imperativo subjuntivo, no entanto essa recorrência se apresenta como uma possibilidade, licenciada pela regra variável do nosso sistema linguístico. Diante disso, cabe fazer um acréscimo ao conceito de imperativo gramatical brasileiro, tal qual proposto por Scherre em seus artigos citados anteriormente sobre o assunto: o fenômeno variável chamado de **imperativo gramatical brasileiro** refere-se tanto à possibilidade da forma indicativa em contexto de *você*, quanto à forma subjuntiva em contexto de *tu*. Assim, temos uma dupla via de distanciamento do padrão normativo da gramática do PB concernente a esse fenômeno.

Este artigo segue os preceitos da sociolinguística liderada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e William Labov (2008 [1972]), para quem todo fenômeno linguístico variável não ocorre de maneira caótica e desordenada, provocando, muito menos, um caos na estrutura linguística. Na verdade, a própria estrutura, na visão laboviana, é inerentemente variável, competindo ao linguista a tarefa de detectar os padrões que regulam a fala variável dos falantes de uma dada língua. Esses padrões, segundo Labov, podem ser de natureza tanto interna quanto externa, sendo esta atrelada às forças sociais que agem sobre o sistema.

Como todo artigo demanda um recorte, neste optamos por focalizar apenas os fatores internos que agem sobre o uso variável do imperativo. Salientamos, entretanto, a complexidade desse fenômeno, submetido também à influência de outros vetores, sejam de natureza social ou discursiva.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa lança mão do banco de dados do projeto VARSUL (Variação linguística da Região Sul do Brasil). O VARSUL segue as orientações da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]), tendo como objetivo central armazenar e colocar, à disposição dos pesquisadores interessados, amostras de realizações da fala de habitantes enraizados em áreas urbanas socioculturalmente representativas de cada um dos três estados da Região Sul do Brasil.

A amostra de cada cidade abarca um total de 24 informantes estratificados de acordo com a faixa etária, sexo, escolaridade e etnia, totalizando 96 entrevistas por estado e 288 incluindo toda a Região Sul. O principal método empregado pelo projeto Varsul na recolha de dados foi a entrevista sociolinguística, método este que, segundo Labov (2008 [1972]), pode levar o informante a aproximar-se do seu vernáculo, à medida que ele se envolve com a narração de sua história, de suas experiências vividas e de relatos de perigo de morte, fazendo com que o informante se atenha mais ao conteúdo narrado, do que à norma codificada. Seria este, na visão do professor Labov, o principal estratagema para anular o *paradoxo do observador*, descrito no seu livro *Padrões Sociolinguísticos*.

A amostra examinada neste trabalho é constituída por um total de 48 entrevistas sociolinguísticas efetuadas nas cidades catarinenses de Florianópolis e Lages, estratificadas, no banco de dados, de acordo com as variáveis sociais: sexo (feminino e masculino), idade (25-49 anos e + de 50 anos), tempo de escolarização (até quatro anos, até oito anos e até doze anos) e etnia.

Após a devida coleta e codificação dos dados recolhidos nas entrevistas do Varsul, passamos à etapa de quantificação dos dados, para a qual nos valem do Programa de Regras Variáveis (Varbrul) – programa computacional que implementa modelos probabilísticos matemáticos em pesquisa variacionista (PINTZUK, 1988). No entanto, como salientam Guy e Zilles (2007), a despeito de ferramentas estatísticas serem sempre valiosas e seguras, a incumbência de apurar os fatores relevantes, levantar e codificar corretamente os dados empíricos, e a interpretação dos dados a partir de uma perspectiva teórica da língua é sempre do pesquisador.

Desse modo, através do programa estatístico computacional, buscaremos aferir tendências quantitativas quanto aos fatores internos relevantes para a variação do uso do imperativo em Santa Catarina, mais especificamente, em um conjunto de dados que englobam Florianópolis e Lages.

Quanto ao envelope de variação, a variável dependente desta pesquisa é a alternância entre a forma indicativa e subjuntiva do imperativo no contexto de segunda pessoa do singular, como exemplificamos abaixo.

Analisaremos a variável em dois contextos sintáticos: o contexto sintático canônico ao modo imperativo, aquele em que o sujeito-vocativo nunca é expresso, e o contexto em que o sujeito se faz expresso, mas o contexto discursivo, auferido pela escuta da entrevista, indica tratar-se de uma sentença com função imperativa.

(1) **Vai** pro exército, **vai** ser um soldado do exército, rapaz. (SCFLPMPRIM06L740).

(2) Eram cem reais, ela disse: “sai cem reais, e o senhor **faz** um cheque, **faz** um cheque, eu levo”. Daí eu disse: “não, então **abra** você.” (SCFLPLAGL880)

Em relação às variáveis independentes – as quais nos apontam os fatores que estão restringindo ou catalisando o uso de determinada variante – neste artigo, serão apresentadas apenas as variáveis de natureza interna, deixando para publicações futuras os resultados obtidos quantos aos fatores de natureza social e estilística.

## 1) Polaridade da estrutura

a) Imperativo afirmativo:

**Vai** pra Floripa, Floripa é melhor. (SCFLP08)

b) Imperativo negativo

Mãe, **não veste** isso em mim. (SCFLP09)

Você **não faça** assim. (SCLG02)

Nesse grupo de fatores, a expectativa, com base nos estudos de Scherre (2006) e Reis (2003), é a de que, em contextos em que o imperativo acontece num ambiente linguístico de negação, ou proibição, haja uma preferência pela forma subjuntiva. Outros estudos sobre o imperativo (JESUS, 2006), (EVANGELISTA, 2009), (CARDOSO, 2004, 2009) e (LIMA, 2005) também têm apontado para uma tendência de maior favorecimento da forma imperativa subjuntiva nesse contexto de polaridade negativa.

## 2) Extensão do item lexical verbal

### a) Verbos monossílabos

Ah, **sai** pra lá. (SCFLP01)

### b) Verbos dissílabos

**Deixa** ela ir, Sinhá Rosa. (SCFLP08)

### c) Verbos trissílabos

Me **informa** se o fulano está aí? (SCLG4)

### d) Mais de três sílabas

**Imagine** que eu esteja neste situação. ( SCLG9)

**Aproveite** bastante. (SCLG24)

Com base em Scherre (2000, 2006), esperamos que o aumento da massa fônica do verbo imperativo conduza a um aumento proporcional da forma subjuntiva. Reis (2003) interpreta esse aumento da massa fônica como o fator ‘complexidade da forma verbal imperativa’ dentro da perspectiva funcionalista de Givón, segundo a qual quanto maior a extensão do imperativo, menor é sua força manipulativa: (*faça isso ou você pode fazer isso pra mim?*)

## 4) Paralelismo Fônico

### a) + aberta

**Olha, olha**, isso de uma vez. (SCFLP10)

### b) – aberta

**Lembra** sempre de guardar as coisas. (SCFLP10)

Baseados em Scherre (1998, 2000 e 2006), esperamos que a natureza [+aberta] da vogal imediatamente precedente na forma verbal conjugada, nos verbos regulares da primeira conjugação, pode ser um ambiente de forte retenção à forma subjuntiva, à medida que a vogal precedente assumira pronúncia mais fechada.

## 5) Presença ou ausência de clítico

### a) presença de clítico

Não **me** faça isso. (SCFLP2)

**Te** manda! (SCFLP07)

b) ausência de clítico

Então **deixa** lá. (SCFLP06)

De acordo com Scherre (2000, 2006) estruturas com o clítico *se* depois do verbo (como **Retire-se**) tendem a favorecer categoricamente o uso da forma subjuntiva, por razões estruturais: em caso de uso da estrutura **Retira-se**, haveria a possibilidade de preenchimento da posição de sujeito, com interpretação de uma estrutura reflexiva, em vez de estrutura imperativa. O uso da forma subjuntiva, por sua vez, assegura a leitura imperativa. Acreditamos, com base nas evidências colhidas por Scherre, que a ausência de qualquer clítico favorece, relativamente, a forma indicativa, tendo em vista que a leitura imperativa, nestes casos, é sempre assegurada.

## 6) Natureza da forma pronominal usada pelo entrevistado

a) Tu

Airton, **tu** lê esse livro, depois tu **vem** conversar com a dona Teresa. (SCFLP16)

b) Você

Não, **ocê** apita. (SCFLP10)

c) O (a) senhor

**O senhor** não **faça** isso, seu delegado. (SCFLP13)

d) Forma nominal

Vira pra cá, **mulher**. (SCFLP10)

**Professora**, não me deixa ir embora não. (SCFLP22)

e) Ausência de forma de tratamento

Abre o olho com o teu filho, que o teu está pegando o vício do fumo. (SCFLP16)

Esperamos, com base em Cardoso (2004), Paredes Silva et al. (2000), Jesus (2006) e Reis (2003), uma associação evidente entre as formas de tratamento usadas pelo entrevistado em relação ao interlocutor e as formas imperativas variantes. A expectativa também é de que a forma *você* e a ausência de marca pronominal apresentem uma distribuição equilibrada entre as formas variantes, de acordo com a tendência do que se tem chamado de imperativo gramatical brasileiro, o fato inovador em PB, também esperamos que a forma *o senhor* sugira uma predileção pela forma subjuntiva. Uma discussão que relacione o uso das formas pronominais com as cidades específicas de Florianópolis e Lages, bem como seus peculiares processos de colonização, fica para publicações futuras.

## 7) Menção de formas de polidez

a) Ausência de formas de polidez

Não **vá** namorar escondida. (SCLG4)

b) Presença de marca de polidez

O **senhor** nem me diga, **doutor**, isso aí. (SCLG5)

Com base em Reis (2003) esperamos que a forma indicativa seja mais recorrente em contextos marcados pela ausência de formas de polidez. Segundo a autora, essas formas de polidez seriam dispositivos enfraquecedores de força manipulativa e sua ausência, combinada com o uso da forma indicativa, apontaria para um fortalecimento da força manipulativa do comando.

### 8) Item lexical

a) verbo pleno

**Deixa** a lua sossegada e **olhe** mim. (SCLG6)

b) marcador discursivo

**Olhe**, não fui eu que falei foi você. (SCLG4)

Eu tinha uma comadre que dizia ‘**olha**, comadre, teus filhos vão ser tudo chofer’

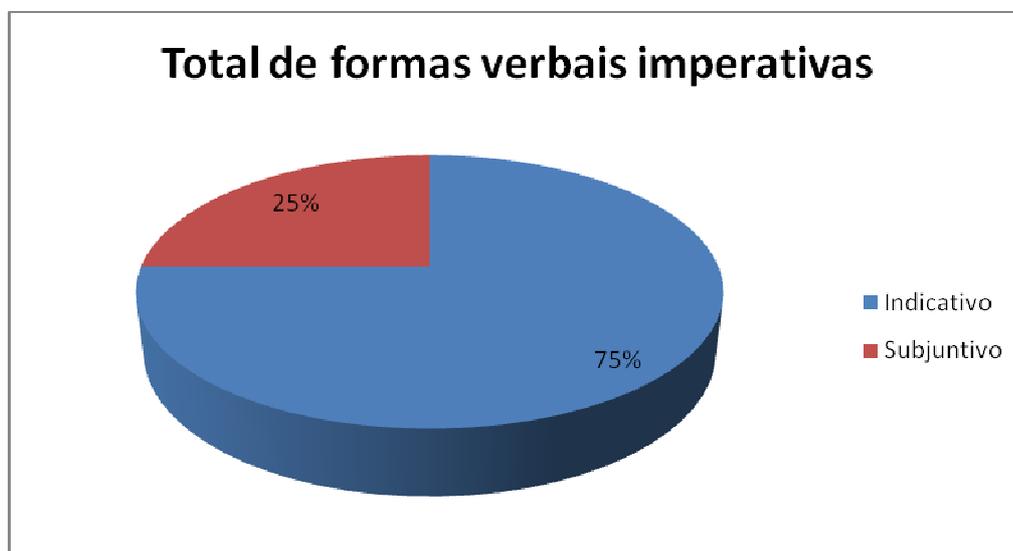
Nessa categoria, controlamos se os verbos são plenos ou funcionam como marcadores discursivos. Acreditamos que, quando as formas funcionarem como marcadores discursivos, haverá de apresentar um comportamento mais cristalizado nas formas indicativas imperativas, indicando, dessa forma, menos variação.

Assim, estabelecidas as hipóteses quanto aos grupos de fatores internos que investigamos neste trabalho, apresentamos na sequência os resultados, os quais foram calculados tomando a frequência da forma verbal imperativa indicativa como referência.

### 3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Iniciamos a análise com um gráfico de distribuição geral dos resultados, que abrange a frequência de uso das formas verbais imperativas em todo o nosso *corpus*, sem distinguir as cidades de Florianópolis e Lages e as formas de tratamento utilizadas nas entrevistas. O resultado geral a que chegamos pode ser visualizado abaixo:

**Gráfico 1:** Frequência de uso das formas verbais imperativas incluindo *corpus* das cidades de Florianópolis e Lages.



**Fonte:** Cardoso (2012, p. 101)

Os resultados nos põem diante de um padrão de uso maciço das formas verbais imperativas indicativas. As pesquisas sociolinguísticas, tais quais as já citadas anteriormente, têm oferecido cada vez mais subsídios empíricos em favor da difusão da forma verbal imperativa em contexto de forma de tratamento *você* em território brasileiro.

Nessa distribuição de formas imperativas pelo Brasil afora, o nordeste tem se assumido nas pesquisas como uma zona de mais retenção das formas subjuntivas, enquanto outras regiões do Brasil estariam avançando no estágio de propagação do que chamamos de imperativo gramatical brasileiro (SCHERRE, 2004). O que vemos em nosso *corpus* é essa abrangência capital de formas indicativas, porém necessário se faz especificar ou afinar a análise e entender o que está realmente em jogo no processo variacionista nas cidades de Florianópolis e Lages. É necessário compreender também se, nesse maciço índice de 75% de formas indicativas em nosso *corpus*, vemos uma manifestação do imperativo do que se tem chamado de imperativo gramatical brasileiro, ou se esse uso de imperativos indicativos estaria relacionado à maior frequência de uso da forma de tratamento *tu*, principalmente em Florianópolis, a cidade marcada pelo processo de tuteamento, ou se seria uma ação simultânea de tuteamento/voceamento agindo sobre a variável dependente nessas duas cidades catarinenses.

Quanto aos 25% de formas verbais imperativas subjuntivas detectadas em nossa amostra total, sentimos a necessidade de compreender esse índice menor pela via de questões relacionadas à diferença dos sistemas linguísticos nas duas cidades investigadas e as relações de poder ou de polidez nelas materializadas. Tais questões serão apresentadas em publicações futuras. Embora, numa amostra geral, os resultados de imperativo subjuntivo demonstram uma frequência mais reduzida, acreditamos que, numa especificação da análise, em artigos futuros focalizando os aspectos sociais e

estilísticos, essas formas subjuntivas possam assumir contornos mais amplos, assumindo diferenças mais emblemáticas e reveladoras do processo de ordenamento da variável linguística. Submetemos os dados categorizados ao crivo do software *Varbrul* a fim de que este selecionasse as variáveis linguísticas significativas ao uso das formas verbais imperativas. Operada a análise prévia, apresentamos na sequência os fatores internos selecionados como relevantes levando em conta todo o conjunto de dados.

### **Polaridade da estrutura**

Os trabalhos sociolinguísticos sobre imperativo apresentam uma impressionante harmonia estatística ao quantificarem o grupo ‘polaridade da estrutura’. Quer seja em trabalhos de *corpus* escrito, ou falado, os resultados seguem o mesmo rastro da incidência de formas imperativas subjuntivas em contextos de negação. Ou seja, esse contexto sintático é um forte ambiente retentor de imperativos manifestos na forma subjuntiva, mesmo em comunidades de fala em que o amplo uso difundido é da forma verbal indicativa. Os dados coletados em nossa amostra seguem a mesma tendência estatística:

**Tabela 1:** Efeito da variável ‘polaridade da estrutura’ sobre a realização da forma verbal imperativa indicativa

<b>Polaridade</b>	<b>Aplicativo/total</b>	<b>Frequência</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Afirmativa</b>	333/411	81%	0.55
<b>Negativa</b>	18/53	19%	0.17
<b>Total</b>	351/464	75%	

Fonte: Cardoso (2012, p. 104)

Na visualização da tabela, podemos conferir uma predileção por formas verbais indicativas em contextos sintáticos de afirmação. A frequência de 81% assegura claramente tal tendência, que se põe em contraponto com a baixa frequência de 19% para as formas verbais subjuntivas. O antagonismo nas duas tendências é ainda maior se nos detivermos no peso relativo, que confere a probabilidade quase ínfima de 0.17 à manifestação das formas verbais imperativas indicativas em estruturas sintáticas de polaridade negativa. Dessa forma, os números atestam os resultados obtidos em pesquisas anteriores (SAMPAIO, 2001; SCHERRE, 2002, 2003; CARDOSO, 2004; LIMA, 2005) bem como a nossa hipótese inicial.

### **Extensão silábica**

Assumimos como hipótese de trabalho que o tamanho da palavra mensurado em sílabas poderia ser um grupo de fatores significativo na análise na medida em que o prolongamento da sua extensão levaria a um maior desfavorecimento da forma

imperativa indicativa. Os trabalhos de Scherre (2000, 2006) vem atestando positivamente essa tendência estrutural. Em nosso *corpus* a variável foi considerada relevante e, na distribuição quantitativa dos dados, podemos visualizar a seguinte tendência:

**Tabela 2:** Efeito do grupo de fatores ‘extensão silábica’ sobre a realização da forma verbal imperativa indicativa

Tamanho da sílaba	Aplicativo total	Frequência	Peso relativo
Monossílaba	74/86	86%	0.71
Dissílaba	241/321	75%	0.46
Trissílaba	15/20	75%	0.44
Polissílaba	21/37	56%	0.33
Total	351/464	75%	

Fonte: Cardoso (2012, p. 105)

Nota-se na tabela uma perfeita sincronia entre a extensão silábica e o decréscimo da variante imperativa indicativa. Os resultados iniciam-se com índices mais altos de indicativos atribuídos ao fator ‘monossílaba’, que ostenta 86% de frequência e um elevado peso relativo 0.71 favorável à manifestação do verbo imperativo em sua forma indicativa. Porém, à medida que os verbos estendem-se silabicamente, adquirindo maior massa fônica, a frequência de uso nas formas indicativas vai diminuindo: 75% de frequência para verbos imperativos dissílabos e trissílabos, porém com uma leve diferença no peso relativo de ambos, 0.46 para verbos dissílabos e 0.44 para verbos trissílabos. O ápice dessa sincronia entre extensão silábica e forma de realização dos verbos se dá no fator *polissílaba* quando o índice de imperativos indicativos decai à frequência de 56% e uma probabilidade de ocorrência ainda menor, no caso de 0.33.

Embora essa variável independente tenha sido amplamente selecionada no pacote estatístico na maioria das pesquisas empreendidas, uma interpretação para este fenômeno, até o momento, tem pairado em um terreno obscuro. É inegável, no entanto, o seu caráter sistêmico dentro da estrutura da língua, o que bem demonstra a replicabilidade dessa tendência em várias pesquisas sobre o assunto.

Em nossa seção anterior das hipóteses, propusemos uma aplicação do princípio funcional – que Givón (1995) formulou para a extensão das sentenças imperativas na língua inglesa – à extensão silábica dos verbos imperativos no PB. Como vimos, Givón confere um decréscimo de força manipulativa nos atos de comando manifestos por sentenças enquanto estas vão adquirindo maior massa fônica ou extensão. Segundo o linguista, quanto maior a extensão da sentença, menor seria a força manipulativa empregada pelo manipulador no ato de comando. Relembremos o esquema por ele proposto (1995):

### Força manipulativa mais alta

- g) Levante-se!
- h) Levante-se, acho que você poderia.
- i) Você poderia se levantar, por favor?
- j) Você se incomodaria em se levantar?
- k) Você acha que daria para se levantar?
- l) Você se incomodaria se eu se lhe pedisse para se levantar?

### **Força manipulativa mais baixa**

Visualizamos, pelo esquema de Givón (1995), essa proposta de uma diminuição na força manipulativa à medida que as sentenças com função imperativa aumentam de tamanho. Considerando, então, que verbos subjuntivos apresentariam uma menor força manipulativa (um imperativo mais brando) e considerando também que tais verbos subjuntivos se manifestam em frequência maior à medida que ostentam maior massa fônica, propomos então o seguinte esquema:

### **Força manipulativa mais alta**

Verbos imperativos monossílabos  
↑↓ Verbos imperativos dissílabos ↓↓  
Verbos imperativos trissílabos  
Verbos imperativos polissílabos

### **Força manipulativa mais baixa**

Tudo isso, entretanto, é apenas uma tentativa de interpretarmos essa tendência sempre constante de usos de imperativos subjuntivos apresentarem maior frequência quando o grupo de fatores ‘extensão silábica’ é acionado.

### **Forma de realização do tratamento**

Essa variável, ao ser considerada pelo programa estatístico como relevante para a análise, atestou nossa expectativa inicial de que a realização das formas verbais imperativas em PB são fortemente influenciadas pela forma de tratamento que utilizamos para atingirmos o nosso interlocutor. Embora reconheçamos, com base em ampla literatura, uma unificação dos paradigmas de segunda e terceira pessoa em PB, ainda há de se pensar numa tendência de que formas de tratamento ‘tu’ levem a um maior uso de imperativos indicativos e as formas ‘senhor’ e ‘você’ levem a uma

frequência mais ampla de formas subjuntivas. Essa correlação forte entre formas de tratamento e frequência de imperativos também poderia abrir margem a hipótese de que traços semântico-pragmáticos de polidez, de distanciamento, de solidariedade ou de poder sejam materializados nesses usos simultâneos de verbos imperativos e de formas de tratamento.

O fato é que, numa análise geral, levando em conta todo o *corpus*, o programa estatístico captou o seguinte comportamento para a frequência de indicativos associada ao grupo de fatores ‘forma de realização do tratamento’.

**Tabela 3:** Efeito do grupo de fatores formas de tratamento sobre a realização da forma verbal imperativa indicativa

Forma de tratamento	Aplicativo/total	Frequência	Peso relativo
Tu	36/41	87%	0.60
Forma nominal (guri, tio, rapaz etc.)	34/44	77%	0.57
Forma de tratamento não explícita	241/293	82%	0.56
Senhor/senhora	11/16	68%	0.24
Você	29/70	41%	0.21
<b>Total</b>	<b>351/464</b>	<b>75%</b>	

Fonte: Cardoso (2012, p. 107)

O que vemos no comportamento captado pelo programa é a forma de tratamento ‘tu’ e a forma ‘você’ ocupando os dois extremos da tabela, de modo que salta aos nossos olhos essa liderança na predileção pelas formas imperativas associadas ao indicativo em contexto de ‘tu’. O peso relativo de 0.60 e a frequência maciça de 87% avalizam tal predileção. Por outro lado, as formas ‘senhor’ e ‘você’ conduzem a frequência de formas verbais imperativas a um decréscimo significativo na tabela: peso relativo de 0.24 e 0.21 respectivamente, embora notemos uma frequência razoavelmente alta de 68% de indicativos em contextos de ‘senhor’ e ‘senhora’.

Os outros dois fatores do grupo, ‘forma nominal de tratamento’ e ‘forma não explícita’ apresentam uma distribuição bastante equilibrada dos resultados e isso é atestado pelo peso relativo conferido a eles pelo programa, qual seja, um peso de 0.57 para o primeiro e 0.56 para o segundo. No entanto, embora ambos os fatores mostrem um peso relativo em respectiva queda, a frequência de ambos, por sua vez, segue um caminho levemente oposto, nesse caso vemos uma frequência de 77% para o fator ‘forma nominal’ e 82% para o fator ‘forma não explícita’.

É difícil explicar essa não coerência entre pesos relativos e frequência, mas, como se trata de uma disparidade bastante diminuta, creditamos isso a um eventual enviesamento na análise. Acreditamos que um refinamento na categoria ‘forma nominal

de tratamento' possa ser bastante válido e, por isso, revelar, quem sabe, algumas nuances na semântica de poder e solidariedade não captadas sob essa 'etiqueta'. Outra opção de análise seria incluir os dados catalogados em 'forma de tratamento não explícita' nas categorias 'tu' e 'você' a depender de um contexto discursivo maior e não apenas do domínio sintático circunscrito ao verbo imperativo.

Por outro lado, é inegável, nesse momento mais geral da análise, a comprovação empírica de que as formas imperativas parecem operar em consonância com o sistema de tratamento existente nas cidades de Florianópolis e Lages, uma vez que Lages foi colonizada submetendo-se a um processo linguístico de voçamento, e Florianópolis sob um processo de tuteamento (COELHO, I. L.; GÖRSKI, E., 2011). Porém, essa discussão em que se relaciona as formas de tratamento com o fator 'cidade' e sua influência sobre as variação das formas imperativas ficará para artigos futuros.

### **Grupo 'item lexical'**

Esse grupo mostrou-se relevante em nossa análise, sendo selecionado pelo programa estatístico. Nossa hipótese era a de que encontraríamos maior gama de variação nas formas verbais plenas, enquanto os marcadores discursivos tenderiam a um comportamento mais uniforme, padronizado, cristalizado nas formas indicativas. A tabela a seguir aponta a seguinte distribuição quanto a esse grupo de fatores:

**Tabela 4:** Efeito do grupo de fatores item lexical sobre a frequência da forma verbal imperativa indicativa

<b>Tipo de verbo</b>	<b>Aplicativo/total</b>	<b>Frequência</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Verbo pleno</b>	193/289	66%	0.36
<b>Marcador discursivo</b>	158/175	90%	0.71
<b>Total</b>	351/464	75%	

**Fonte:** Cardoso (2012, p. 109)

O peso relativo de 0.36 atesta-nos que é na categoria dos verbos plenos que temos um campo mais suscetível à variação linguística ou à insurgência de formas verbais subjuntivas. Na categoria 'marcador discursivo', temos uma estabilidade bastante acentuada no uso das formas verbais indicativas, o peso relativo, neste caso, é de 0.71 e uma frequência elevada de 90%.

Embora aparentemente seja um disparate metodológico jogar marcadores e verbos plenos juntos na análise, partimos do princípio de que os marcadores discursivos possuem uma forma base imperativa ou uma significação básica imperativa (ROST SNICHELOTTO, 2009). Os marcadores discursivos ainda carregam a significação original de comando mesmo que operem esse comando no próprio interior do discurso, numa espécie de atividade epilinguística, de comando voltado para a própria atividade discursiva. Foi interessante fazermos essa rodada para mostrarmos que os marcadores realmente

revelam uma estabilidade mais acentuada e os verbos plenos disparam uma probabilidade de variação muito maior.

A fim de confirmarmos essa tendência, realizamos um cruzamento entre o fator 'cidade' e o grupo 'item lexical', de maneira que pudéssemos entrever determinadas particularidades de uso envolvendo esses dois itens lexicais. Os resultados a que chegamos foram estes:

**Tabela 5:** Cruzamento do grupo de fatores *cidade* com o grupo de fatores *item lexical*

<b>Cidade</b>	<b>Verbo pleno Aplicativo/total</b>	<b>Marcadores discursivos aplicativo/total</b>	<b>Total</b>
<b>Frequência</b>	84%	93%	193/289
<b>Florianópolis</b>	122/145	62/67	
<b>Frequência</b>	49%	89%	158/175
<b>Lages</b>	71/73	96/108	
<b>Total</b>	184/212	158/175	351/464

**Fonte:** Cardoso (2012, p. 110)

Vemos, na tabela 5, a manutenção quase cristalizada das formas indicativas na categoria dos marcadores discursivos, manutenção esta que se mantém praticamente incólume à distribuição do grupo de fatores 'cidade'. Por exemplo, os resultados assinalam uma frequência de 93% de forma indicativa para os marcadores discursivos realizados em Florianópolis e 89% de indicativo para os marcadores proferidos em Lages. Porém, essa quase imunidade não se mantém na categoria dos verbos plenos, cujo raio de incidência se distribui de forma bastante díspar no cruzamento com o grupo de fatores 'cidade', neste caso, o índice de formas indicativas em Lages diminuiu consideravelmente para 49%, o que nos indicia ainda mais a comprovar uma maior flutuação estatística nessa categoria dos verbos plenos e nos indicia também a afirmar que manter os marcadores discursivos na análise não lhe traz uma carga de prejuízo no sentido de um provável enviesamento de resultados, visto que a distribuição social das formas variantes se mantém praticamente intacta. Além do mais, tal manutenção enriquece ainda mais a análise do ponto de vista de volume de dados, visto que, segundo Guy e Zilles (2007), em tratamento estatístico devem-se obter tantos dados quanto possível, pois 'em estudos quantitativos mais é quase sempre melhor'.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados amostrados neste artigo nos apontam para uma tendência cada vez maior do uso das formas verbais imperativas indicativas em Santa Catarina, no entanto, apesar de haver uma variação regulada por fatores internos como aqui demonstrado, percebe-se uma tendência ao conservadorismo quanto à manifestação do fenômeno novo: o imperativo gramatical brasileiro. Isso porque os dados revelam que nos

contextos de pronome *tu* houve uma ampla preferência pela forma verbal imperativa indicativa e nos contextos discursivos de pronome *você* uma tendência à diminuição desse uso, o que evidencia notável consonância nessas cidades catarinenses com os padrões ditados pela norma padrão.

O que pretendo atestar em artigos próximos, com foco em fatores sociais e estilísticos, é que esse conservadorismo quanto à manifestação do imperativo gramatical brasileiro nas cidades de Florianópolis e Lages se tece de forma diferenciada em cada uma dessas cidades, uma vez que tanto o sistema de tuteamento quanto o de voceamento que delinearão o sistema linguístico dessas comunidades de fala parecem influenciar a retenção desse comportamento mais conservador.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, B. *Um estudo variacionista sobre as formas verbais imperativas nas cidades de Florianópolis e Lages: uma questão de encaixamento?* Florianópolis: UFSC, 2012. [Dissertação de Mestrado em Linguística].

CARDOSO, D. B. B. *Variação no uso do modo imperativo: análise de dados em textos de José J. Veiga*. Brasília: UnB, 2004. [Dissertação de Mestrado em Linguística].

CARDOSO, D. B. B. *Variação e mudança no imperativo do português brasileiro: gênero e identidade*. Brasília: UnB, 2009. [Tese de Doutorado em Linguística].

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes *tu* e *você* em Santa Catarina. In: LOPES, C.; REBOLLO, L. (orgs.). *Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 263-287.

EVANGELISTA, E. M. *Fala, Vitória!* – A variação do imperativo na cidade de Vitória/ES e sua posição no cenário nacional. Vitória: UFES, 2009. [Dissertação de Mestrado].

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

JESUS, E. T. de. *O estereótipo na mídia e os estereótipos linguísticos: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino*. Brasília: UnB, 2006. [Dissertação de Mestrado em Linguística].

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. BAGNO, M.; SCHERRE, M.M.P.; CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

PAREDES SILVA, V. L.; SANTOS, G. M. dos; RIBEIRO, T. de O. (2000). Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. *Gragoatá*. 9: 115-123, 2000.

REIS, M. da S. *Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista*. Florianópolis: UFSC, 2003. [Tese de Doutorado em Linguística].

ROST SNICHELOTTO, C. A. *Olha e vê: caminhos que se entrecruzam*. Florianópolis: UFSC, 2009. [Tese de Doutorado em Linguística]

SAMPAIO, D. A. *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. Salvador: UFBA, 2001. [Dissertação de Mestrado em Linguística].

SCHERRE, M. M. P. et alii. Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. In: PARADIS, C. et al. (eds.) *Papers in Sociolinguistics. N.WAVE-26 à l'Université Laval* (Québec): Nota Bene, 1998. p. 63-72.

SCHERRE, M. M. P. ; FREITAS, V. A. de L.; JESUS, E. T. de; OLIVEIRA, H. R.; DIAS, J. G. (2000). Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. *II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Linguístico*. Florianópolis, Taciro – Produção de Cds Multimídia, p. 1333-1347 (Publicação em CD).

SCHERRE, M. M. P. Norma e uso – o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (orgs.) *O Português do Brasil - Perspectivas da pesquisa atual*. (Linguística lusobrasileira, Vervuert / Iberoamericana. 2004. p. 231-260.

SCHERRE, M. M. P. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança lingüística na escrita de revistas em quadrinhos. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (orgs.) *Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 306-319.

LIMA, D. S. P. *A expressão do imperativo na fala de Campo Grande*. Brasília: UnB, 2005. [Dissertação de Mestrado em Linguística]

PINTZUK, S. *Varbrul program*. Philadelphia: University of Pennsylvania. Mimeo. 1988.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad. BAGNO, M. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Data de submissão: 10/11/2014

Data de aceite: 28/04/2015